



“Um romance que  
espalha alegria a  
cada página.”

**ELIZABETH DAY**

“Amei tanto que  
fiquei desolada  
quando acabou.”

**NIGELLA LAWSON**

# UMA QUESTÃO DE QUÍMICA

**BONNIE GARMUS**



**UMA QUESTÃO  
DE QUÍMICA**

*Para a minha mãe, Mary Swallow Garmus*

Título original: *Lessons in Chemistry*

Copyright © 2022 por Bonnie Garmus

Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Maria Carmelita Dias

*preparo de originais:* Cláudia Mello

*revisão:* Camila Figueiredo e Juliana Souza

*diagramação:* Miriam Lerner | Equatorium Design

*capa:* Beci Kelly | TW

*imagem de capa:* Colin Thomas

*adaptação de capa:* Ana Paula Daudt Brandão

*impressão e acabamento:* Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

G221q

Garmus, Bonnie, 1957

Uma questão de química / Bonnie Garmus ; tradução Maria Carmelita

Dias. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2022.

384 p. ; 23 cm

Tradução de: *Lessons in chemistry*

ISBN 978-65-5565-288-8

I. Romance americano. I. Dias, Maria Carmelita. II. Título.

22-77043

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

## CAPÍTULO 1

### Novembro de 1961

Em 1961, quando as mulheres usavam vestidos estilo *chemisier* cintados, frequentavam clubes de jardinagem e, sem nenhuma preocupação, levavam várias crianças de carro para todo lado sem cinto de segurança; quando ninguém sequer sabia que existiria um movimento de contracultura na década de 1960, muito menos um que levaria seus integrantes a passar os sessenta anos seguintes comentando sobre ele; quando as grandes guerras tinham chegado ao fim e as guerras clandestinas tinham acabado de se iniciar e as pessoas começavam a pensar fora da caixa e a acreditar que tudo era possível, a mãe de Madeline Zott acordava todo dia antes do amanhecer e, aos trinta anos, tinha uma única certeza: sua vida tinha chegado ao fim.

Apesar dessa certeza, ela foi até o laboratório para preparar a lancheira da filha.

*Combustível para aprender*, escreveu Elizabeth Zott em um pedaço de papel antes de enfiá-lo na lancheira. Depois fez uma pausa, o lápis parado no ar, como se estivesse pensando. *Pratique um esporte no recreio, mas não deixe os meninos vencerem automaticamente*, escreveu em outro pedaço de papel. Em seguida, fez uma nova pausa, tamborilando o lápis na mesa. *Não é coisa da sua cabeça*, escreveu em um terceiro bilhete. *A maioria das pessoas é horrível*. Ela colocou os dois últimos por cima.

Poucas crianças pequenas sabem ler e, quando sabem, em geral são palavras como “gato” e “vovô”. Madeline, porém, sabia ler desde os três anos e agora, com cinco, já tinha quase terminado a obra inteira de Dickens.

Madeline era *aquela* tipo de criança – o tipo que sabe cantarolar um concerto de Bach, mas não consegue amarrar os próprios cadarços; que

sabe explicar a rotação da terra, mas hesita no jogo da velha. E esse era o problema. Porque embora crianças-prodígio com aptidão para a música sempre sejam festejadas, isso não acontece com as que aprendem a ler cedo, porque as que aprendem a ler cedo são boas em uma coisa que, depois de um tempo, as outras crianças também vão dominar. Ou seja, nesse caso, ser a primeira não é especial – é irritante.

Madeline entendia isso. Então todo dia de manhã – depois que a mãe tinha saído e enquanto Harriet, a vizinha que tomava conta dela, estava ocupada – fazia questão de tirar os bilhetes da lancheira, lê-los e depois juntá-los a todos os outros, que ficavam em uma caixa de sapato no fundo do armário. Quando chegava à escola, fingia ser como todas as outras crianças: basicamente analfabeta. Para Madeline, encaixar-se no grupo era mais importante que tudo. E seu motivo era irrefutável: a mãe nunca tinha se encaixado, e vejam só o que aconteceu com ela.

ERA ALI, NA CIDADEZINHA DE COMMONS, no sul da Califórnia, onde na maior parte do tempo o clima era quente, mas não quente demais, e o céu era azul, mas não azul demais, e o ar era limpo só porque isso era comum naquela época, que Madeline ficava deitada na cama, com os olhos fechados, esperando. Sabia que logo receberia um beijo carinhoso na testa, as cobertas seriam puxadas com cuidado até seus ombros, as palavras “Aproveite o dia” seriam murmuradas em seu ouvido. Um minuto depois, ela ouviria o barulho do motor do carro dando partida, o ranger de pneus enquanto o Plymouth dava marcha a ré na entrada da garagem e o barulho do câmbio engatando a primeira. E sua mãe, uma mulher sempre deprimida, partiria para o estúdio de televisão, onde vestiria um avental e entraria em um set de filmagem.

O programa se chamava *Hora do Jantar*, e Elizabeth Zott era sua grande estrela.

## CAPÍTULO 2

### Pine

Antes uma pesquisadora química, Elizabeth Zott era uma mulher com a pele perfeita e o comportamento inequívoco de alguém que não era medíocre e nunca seria.

Ela tinha sido, assim como todas as grandes estrelas, descoberta por acaso. Se bem que, no caso de Elizabeth, não aconteceu em uma sorveteria, nem em um encontro acidental em um banco de praça, nem pela providencial apresentação de um conhecido em comum. Em vez disso, ela foi descoberta por causa de um roubo – mais especificamente, um roubo de comida.

A história foi simples: uma menina chamada Amanda Pine, que gostava de comida de um jeito que alguns terapeutas consideram digno de atenção, estava comendo o almoço de Madeline. Isso porque o almoço de Madeline não era comum. Enquanto as outras crianças comiam sanduíches de geleia e manteiga de amendoim, Madeline abria a lancheira e encontrava um pedaço generoso de lasanha do dia anterior, uma porção de abobrinha salteada na manteiga para acompanhar, um exótico kiwi cortado em quatro pedaços, cinco tomatinhos-cereja redondos e perolados, um minúsculo saleiro Morton, dois cookies de chocolate ainda quentinhos e uma garrafa térmica xadrez vermelha cheia de leite bem gelado.

Essas iguarias faziam com que todo mundo quisesse o almoço de Madeline, inclusive a própria Madeline. Só que ela o oferecia a Amanda não só porque amigas exigem sacrifícios, mas também porque Amanda era a única na escola inteira que não zombava da criança esquisita que Madeline já reconhecia ser.

Só depois de reparar que as roupas de Madeline estavam começando a

sambar na sua silhueta ossuda foi que Elizabeth se pôs a imaginar o que estaria ocorrendo. De acordo com seus cálculos, o consumo diário de Madeline era a quantidade exata de alimentos de que a filha necessitava para ter um desenvolvimento saudável, o que tornava a perda de peso inconcebível em termos científicos. Seria um pico de crescimento? Não. Ela havia levado isso em conta nos cálculos. O início precoce de um distúrbio alimentar? Pouco provável. Madeline avançava vorazmente na comida. Leucemia? Definitivamente, não. Elizabeth não era alarmista: não era do tipo que ficava acordada à noite imaginando a filha acometida por uma doença incurável. Como cientista, sempre buscava a explicação mais razoável, e, no instante em que conheceu Amanda Pine, com os lábios manchados de vermelho do molho de tomate, percebeu que tinha encontrado a explicação.

– SR. PINE – DISSE ELIZABETH, irrompendo no estúdio de televisão local sem se dirigir à secretária, na tarde de uma quarta-feira. – Estou ligando para cá há três dias e o senhor não teve a consideração de retornar nem uma única vez. Meu nome é Elizabeth Zott. Sou mãe de Madeline Zott. Nossas filhas estudam juntas na Woody e estou aqui para lhe dizer que sua filha se aproximou da minha com segundas intenções. – E, como ele pareceu confuso, acrescentou: – Sua filha está se apropriando do almoço da minha filha.

– A-almoço? – conseguiu gaguejar Walter Pine enquanto analisava a mulher deslumbrante diante dele, o jaleco branco conferindo-lhe uma aura sagrada, a não ser por um detalhe: as iniciais “E.Z.” estampadas em vermelho pouco acima do bolso.

– Sua filha, Amanda – acusou Elizabeth mais uma vez –, está comendo o almoço da minha filha. Parece que isso vem acontecendo há meses.

Walter só conseguia encará-la. Alta e ossuda, o cabelo da cor de uma torrada amanteigada queimada puxado para trás e preso com um lápis, a mulher estava parada, com as mãos na cintura, os lábios de um vermelho vívido, a pele luminosa, o nariz reto. Ela o fitava como um médico em um campo de batalha avaliando se ele merecia ser salvo ou não.

– E o fato de sua filha fingir ser amiga de Madeline para ganhar o almoço – continuou – é totalmente repreensível.

– Q-quem é a senhora mesmo? – gaguejou Walter.

– Elizabeth Zott! – vociferou em resposta. – Mãe de Madeline Zott!

Walter assentiu, tentando assimilar. Como produtor de longa data de programas vespertinos de televisão, ele entendia de drama. Mas isso? Ele continuou encarando. Ela era deslumbrante. Ele estava literalmente *ator-doado*. Será que ela estava querendo fazer um teste para algum papel?

– Sinto muito – disse Pine por fim –, mas todos os papéis de enfermeira já foram preenchidos.

– O que foi que o senhor disse? – disparou ela.

Houve uma longa pausa.

– Amanda Pine – repetiu ela.

Ele piscou.

– Minha filha? Ah – disse, subitamente nervoso. – O que aconteceu com ela? A senhora é médica? É da escola? – Ele se levantou de um pulo.

– Meu Deus, não – respondeu Elizabeth. – Sou química. Tive que me despencar lá do Hastings até aqui na minha hora de almoço porque o senhor não retornou minhas ligações. – E, como ele ainda estava com um ar confuso, ela esclareceu: – Instituto de Pesquisas Hastings? Onde a Pesquisa Inovadora Realmente Inova? – Ela expirou ao soltar o slogan vazio. – O negócio é o seguinte: eu faço um esforço considerável para preparar um almoço nutritivo para Madeline, e tenho certeza de que o senhor também faz isso pela sua filha. – E acrescentou, quando ele continuou a encará-la com o olhar vago: – Porque o senhor se preocupa com o desenvolvimento físico e cognitivo da Amanda. Porque o senhor sabe que esse desenvolvimento depende do consumo equilibrado e correto de vitaminas e minerais.

– O problema é que a Sra. Pine está...

– É, eu sei. Ausente. Tentei entrar em contato com ela, mas me disseram que ela mora em Nova York.

– Somos divorciados.

– Sinto muito por isso, mas o divórcio não tem nada a ver com o almoço.

– Pode parecer que não, mas...

– Um homem *consegue* preparar um almoço, Sr. Pine. Não é biologicamente impossível.

– Sem dúvida – concordou ele, se atrapalhando com uma cadeira. – Por favor, Sra. Zott, sente-se.

– Deixei uma coisa no cíclotron – disse ela, irritada, olhando para o relógio. – Estamos entendidos ou não?

– Cíclo...

– Acelerador de partículas subatômicas.

Elizabeth deu uma olhada nas paredes. Eram lotadas de cartazes emoldurados anunciando novelas melodramáticas e concursos de televisão cheios de artimanhas.

– Meu trabalho – disse Walter, de repente constrangido com a falta de refinamento de todos aqueles cartazes. – Talvez a senhora tenha visto algum.

Ela se virou para encará-lo.

– Sr. Pine – retomou ela de modo mais conciliador –, sinto muito por eu não ter tempo nem recursos para preparar o almoço para sua filha. Nós dois sabemos que a comida é o catalisador que destrava nosso cérebro, une nossa família e determina nosso futuro. E ainda assim... – A voz foi diminuindo, os olhos se estreitando quando viu o cartaz de uma novela mostrando uma enfermeira oferecendo cuidados pouco comuns a um paciente. – Será que alguém tem tempo para ensinar ao país todo como preparar comidas que importam? Eu gostaria de ter, mas não tenho. E o senhor?

Quando Elizabeth Zott deu meia-volta para sair, Pine, sem querer que ela fosse embora e sem entender muito bem o que estava a ponto de fazer, disse rapidamente:

– Espere, por favor, fique... *por favor*. O que... o que foi que a senhora acabou de dizer? Sobre ensinar ao país todo como preparar comidas que... que *importam*?

*Hora do Jantar* estreou quatro semanas depois. E, embora não estivesse muito animada com a ideia – ela era uma pesquisadora química –, Elizabeth aceitou o trabalho pelos motivos de sempre: pagava mais e ela tinha uma filha para sustentar.

DESDE O PRIMEIRO DIA QUE Elizabeth vestiu um avental e entrou no set, ficou óbvio: ela tinha aquele “quê” especial, uma qualidade indefinível, que cativava o espectador. E também era uma pessoa cheia de conteúdo – tão direta e tão pragmática que as pessoas não sabiam o que pensar dela. Enquanto outros programas de culinária eram apresentados por

chefs simpáticos tomando um xerez alegremente, Elizabeth Zott era séria. Nunca sorria. Nunca fazia piadas. E seus pratos eram autênticos e realistas como ela.

Após seis meses, o programa de Elizabeth era um fenômeno em ascensão. Após um ano, uma instituição. E, em dois anos, tinha demonstrado seu poder misterioso de unir não só os pais aos filhos, mas também os cidadãos ao país. Não é exagero dizer que quando Elizabeth Zott acabava de cozinhar, um país inteiro se sentava para comer.

Até o vice-presidente Lyndon Johnson assistia ao programa.

– Quer saber o que *eu* acho? – disse ele enquanto se afastava de um jornalista obstinado. – Acho que você deveria escrever menos e ver mais televisão. Comece com *Hora do Jantar*; aquela Elizabeth Zott sabe o que está fazendo.

E era verdade. Você nunca veria Elizabeth Zott ensinando a preparar sanduíches de minipepinos ou suflês delicados. Suas receitas eram substanciais: ensopados, guisados, coisas feitas em panelas grandes. Ela salientava os quatro grupos de alimentos. Acreditava em porções decentes. E insistia que qualquer prato digno merecia ser preparado em menos de uma hora. Concluía todos os programas com a frase que era sua marca registrada: “Crianças, ponham a mesa. Sua mãe precisa de um tempo para ela.”

Então um jornalista conhecido escreveu um artigo intitulado “Por que vamos comer qualquer coisa que ela sirva?”, em que se referia a ela casualmente como “Lizzie Delícia”, um apelido que grudou nela que nem chiclete. Daquele dia em diante, os desconhecidos passaram a chamá-la de Delícia, mas a filha, Madeline, a chamava de mamãe. E, embora ainda fosse só uma criança, Madeline já conseguia notar que o apelido subestimava os talentos da mãe. Ela era química, e não cozinheira de programa de TV. E Elizabeth, constrangida diante da filha única, sentia vergonha.

Às vezes, Elizabeth ficava deitada na cama à noite e se perguntava como sua vida tinha chegado àquele ponto. Mas sua reflexão nunca durava muito, porque ela sabia a resposta.

Calvin Evans.

## CAPÍTULO 3

### Dez anos antes, janeiro de 1952

#### INSTITUTO DE PESQUISAS HASTINGS

Calvin Evans também trabalhava no Instituto de Pesquisas Hastings, mas, ao contrário de Elizabeth, que trabalhava em um laboratório apinhado de gente, ele tinha um grande só para si.

Levando em conta seu histórico, talvez ele merecesse o laboratório. Aos 19 anos, já tinha contribuído com uma pesquisa decisiva que ajudou o famoso químico britânico Frederick Sanger a conquistar o Prêmio Nobel; aos 22, descobriu uma forma mais rápida de sintetizar proteínas simples; aos 24, seus avanços no campo da reatividade do dibenzo selenofeno o colocaram na capa da revista *Chemistry Today*. Além disso, escreveu dezesseis artigos científicos, recebeu convites para dez congressos internacionais e uma oferta para uma bolsa de pesquisa em Harvard. Duas vezes. Que ele recusou. Duas vezes. Em parte porque Harvard não o tinha aceitado como aluno alguns anos antes e em parte porque – bem, não havia nenhum outro motivo. Calvin era um homem brilhante, mas, se tinha um defeito, era a capacidade de guardar rancor.

Além desse rancor, ele tinha a reputação de ser impaciente. Assim como tantas pessoas brilhantes, Calvin simplesmente não entendia como ninguém mais *entendia as coisas*. Também era introvertido, o que não é exatamente um defeito, mas muitas vezes a introversão se manifesta como frieza. O pior de tudo é que Calvin era remador.

Como qualquer pessoa que não pratica remo pode atestar, remadores não são divertidos, porque o único tema sobre o qual querem conversar é o esporte que praticam. Junte dois ou mais remadores em um ambiente e a conversa descamba de assuntos normais, como trabalho e clima, para

longos relatos inúteis sobre barcos, bolhas, remos, grips, remoergômetros, idas à proa, exercícios físicos, ataques, afastamentos, recuperações, rachaduras, posições, vogas, trilhos, partidas, comandos, sprints e debates sobre a água estar realmente “lisa” ou não. Daí, geralmente a conversa progride para o que deu errado na última vez em que remaram, o que pode dar errado na próxima e de quem foi e/ou será a culpa. Em algum momento, os remadores estendem as mãos e comparam os calos. Se você for muito azarado, essa ação pode ser seguida por vários minutos de reverência enquanto um deles relata um dia perfeito no remo, no qual tudo foi fácil.

ALÉM DA QUÍMICA, O REMO era a única coisa pela qual Calvin nutria uma paixão verdadeira. Na realidade, o remo foi o principal motivo para Calvin se candidatar a Harvard: em 1945, fazer parte da equipe de remo de Harvard significava remar com os melhores. Na verdade, com os *segundos* melhores. A Universidade de Washington tinha a melhor equipe, mas ficava em Seattle, e diziam que em Seattle está sempre chovendo. Calvin detestava chuva. Portanto, ele se voltou para um local mais distante, para a outra Cambridge, aquela que fica na Inglaterra, expondo assim um dos maiores mitos sobre cientistas: que eles são bons em pesquisa.

No primeiro dia em que Calvin remou em Cambridge, choveu. No segundo dia, choveu. No terceiro dia, idem.

– Chove desse jeito o tempo *todo*? – reclamou Calvin, enquanto ele e os companheiros de equipe erguiam o pesado barco de madeira nos ombros e se arrastavam até o cais.

– Ah, nunca – tranquilizaram os outros. – Cambridge, em geral, tem um clima bem ameno. – E depois se entreolharam, como se quisessem confirmar algo de que já suspeitavam havia muito tempo: os americanos eram idiotas.

INFELIZMENTE, A IDIOTICE DE CALVIN também se estendia aos namoros – um grande problema, já que ele queria demais se apaixonar. Durante todos os seis anos solitários que passou em Cambridge, Calvin conseguiu convidar cinco mulheres para sair; dessas cinco, só uma concordou em ter um segundo encontro e, mesmo assim, só porque pensou que fosse outra

pessoa quando atendeu o telefone. O maior problema de Calvin era a inexperiência. Ele era como um cão que, depois de anos tentando, pega um esquilo e não tem a menor ideia do que fazer com ele.

– Olá, hã... – dissera ele, com o coração aos pulos, as mãos suadas, a mente subitamente desorientada, quando a moça abriu a porta. – Debbie?

– É *Deirdre*. – A moça suspirou, dando a primeira de uma série de muitas olhadas no relógio.

Durante o jantar, a conversa zigzagueou entre decomposição molecular de ácidos aromáticos (Calvin), o filme que devia estar em cartaz (*Deirdre*), a síntese de proteínas não reativas (Calvin), se ele gostava de dançar (*Deirdre*), olhar as horas – já eram oito e meia da noite e ele tinha que remar na manhã seguinte, então ele a levaria direto para a casa dela (Calvin).

Desnecessário dizer que ele transou muito poucas vezes depois desses encontros. Na verdade, não transou nenhuma vez.

– COMO ASSIM VOCÊ NÃO ESTÁ dando sorte? – comentavam seus colegas em Cambridge. – As garotas adoram remadores. – O que não era verdade. – E, mesmo sendo americano, você não é feio. – O que também não era verdade.

Parte do problema era a postura de Calvin. Com 1,93 metro de altura, ele era comprido e magricela, mas curvava para a direita, provavelmente porque sempre remava a bombordo. Mas o pior mesmo era o seu rosto. Ele tinha uma aparência solitária, como uma criança que cresceu sozinha, grandes olhos cinzentos, cabelo alourado desgrenhado e lábios arroxeados, quase sempre inchados porque ele costumava mordê-los. Seu rosto era o que alguns poderiam chamar de sem graça, uma composição abaixo da média que não dava a menor pista do anseio e da inteligência que existiam por trás, exceto por um traço essencial – os dentes –, que eram retos e brancos e compensavam toda a compleição facial sempre que ele sorria. Felizmente, ainda mais depois de se apaixonar por Elizabeth Zott, Calvin sorria o tempo todo.

ELES SE CONHECERAM – OU MELHOR, trocaram algumas palavras – em uma terça-feira de manhã no Instituto de Pesquisas Hastings, o laboratório

privado localizado na ensolarada região sul da Califórnia onde Calvin, depois de se formar em Cambridge e de fazer um doutorado em tempo recorde e tendo 43 ofertas de emprego para considerar, aceitou o cargo em parte por causa da reputação do instituto, mas principalmente por impulso. Não chovia muito em Commons. Elizabeth, por outro lado, aceitou a oferta de trabalho do Hastings porque foi a única que recebeu.

Parada do lado de fora do laboratório de Calvin Evans, ela percebeu uma série de grandes cartazes que alertavam:

NÃO ENTRE  
EXPERIMENTO EM ANDAMENTO  
ENTRADA PROIBIDA  
MANTENHA DISTÂNCIA

Então, ela abriu a porta.

– Olá – chamou, tentando se fazer ouvir por cima da voz de Frank Sinatra, que bradava de um aparelho de som posicionado em um lugar inadequado no meio do cômodo. – Preciso falar com o responsável.

Calvin, surpreso ao ouvir aquela voz, esticou a cabeça por trás de uma grande centrífuga.

– *Desculpe, senhorita* – gritou ele, irritado, com um grande par de óculos de segurança protegendo os olhos da substância borbulhando à sua direita –, mas esta área é restrita. Não viu os cartazes?

– Eu *vi!* – gritou Elizabeth em resposta, ignorando o tom do homem enquanto atravessava o laboratório para desligar a música. – Pronto. Agora podemos escutar um ao outro.

Calvin mordeu os lábios e apontou para os cartazes.

– A senhorita não pode entrar aqui. Os *cartazes*.

– É, bem, me disseram que seu laboratório tem um excedente de béqueres e precisamos de alguns lá embaixo. Está tudo aqui – disse ela, empurrando um pedaço de papel na direção dele. – Foi autorizado pelo gerente de estoque.

– Ninguém me falou nada – disse Calvin, examinando o papel. – E sinto muito, mas não dá. Preciso de todos os béqueres. Talvez seja melhor eu falar com um químico lá embaixo. Peça para o seu chefe me ligar.

Ele voltou ao trabalho e religou o som.

Elizabeth não saiu do lugar.

– O senhor quer falar com um químico? Alguém que não seja *eu*? – gritou ela mais alto do que Sinatra.

– *Isso* – respondeu ele. E depois suavizou um pouco a voz. – Olhe, eu sei que não é culpa sua, mas eles não deviam mandar uma secretária aqui em cima para fazer esse trabalho sujo. Agora, eu sei que você pode achar difícil entender, mas estou no meio de uma coisa importante. Por favor. Só peça para o seu chefe me ligar.

Elizabeth estreitou os olhos. Ela não gostava de gente que fazia suposições com base naquilo que ela considerava pistas visuais totalmente ultrapassadas e também não gostava de homens que acreditavam, mesmo se ela tivesse esse cargo, que ser secretária significava ser incapaz de compreender palavras que não fossem “Datilografe isso em três vias”.

– Que coincidência! – gritou ela enquanto se encaminhava até uma estante e apanhava uma caixa grande de béqueres. – Também estou ocupada. – E saiu pisando firme.

MAIS DE TRÊS MIL PESSOAS trabalhavam no Instituto de Pesquisas Hastings; foi por isso que Calvin levou uma semana para localizá-la. Quando finalmente a encontrou, ela parecia não se lembrar dele.

– Sim? – disse ela, se virando para ver quem tinha entrado em seu laboratório, com um grande par de óculos de segurança ampliando seus olhos, as mãos e os braços cobertos por enormes luvas de borracha.

– Olá – cumprimentou ele. – Sou eu.

– Eu quem? – perguntou ela. – Pode ser mais específico? – E se virou de novo para o trabalho.

– Eu – respondeu Calvin. – Cinco andares acima? Você pegou meus béqueres.

– É melhor ficar afastado, atrás daquela cortina – disse ela, acenando com a cabeça para a esquerda. – Tivemos um pequeno acidente aqui na semana passada.

– Foi difícil localizar a senhorita.

– O senhor se incomoda...? – perguntou ela. – Agora *eu* estou no meio de uma coisa importante.

Ele aguardou com paciência enquanto ela terminava as medidas, fazia anotações no caderno, reavaliava os resultados dos testes do dia anterior e ia ao banheiro.

– Ainda está aqui? – perguntou Elizabeth ao voltar. – Não tem nenhum trabalho para fazer?

– Toneladas.

– Não vou devolver os béqueres.

– Quer dizer que a senhorita se lembra de mim.

– Lembro. Mas não de uma forma boa.

– Vim pedir desculpas.

– Não precisa.

– Que tal um almoço?

– Não.

– Jantar?

– Não.

– Café?

– Escute – disse Elizabeth, as luvas enormes apoiadas na cintura –, preciso avisar que o senhor está começando a me irritar.

Calvin desviou o olhar, constrangido.

– Sinto muitíssimo mesmo – falou ele. – Vou embora.

– AQUELE ERA O CALVIN EVANS? – perguntou um técnico de laboratório ao vê-lo abrir caminho no meio de quinze cientistas que trabalhavam colados uns nos outros em um espaço de cerca de um quarto do tamanho do laboratório particular de Calvin. – O que ele veio fazer aqui?

– Uma questão sem importância sobre quem é dono dos béqueres – respondeu Elizabeth.

– Béqueres? – Ele hesitou. – Espere aí. – Ele pegou um dos béqueres novos. – Aquela caixa grande de béqueres que você disse que achou na semana passada. Era *dele*?

– Eu nunca disse que achei. Disse que *consegui* os béqueres.

– Com Calvin Evans? – retrucou o técnico. – Você ficou maluca?

– Tecnicamente, não.

– Ele disse que você podia pegar os béqueres?

– Tecnicamente, não. Mas eu tinha um formulário.

– Que formulário? Você sabe que tem que passar por mim. Você sabe que pedir suprimentos é o meu trabalho.

– Eu sei. Mas eu estava esperando fazia mais de três meses. Já tinha pedido quatro vezes, preenchido cinco ordens de requisição, conversado com o Dr. Donatti. Sinceramente, eu não sabia mais o que fazer. Minha pesquisa depende desses suprimentos. *São só béqueres.*

O técnico fechou os olhos.

– Escute – disse, reabrindo-os devagar, como se quisesse salientar a estupidéz de Elizabeth. – Estou aqui há muito mais tempo que você e sei como são as coisas. Você sabe da fama do Calvin Evans, não sabe?

– Sei. Ele tem fama de ter excedente de equipamento.

– Não – respondeu ele. – Ele tem fama de guardar rancor. Rancor!

– É mesmo? – retrucou ela, pouco interessada.

ELIZABETH ZOTT TAMBÉM GUARDAVA RANCOR. Só que seu rancor era dirigido principalmente a uma sociedade patriarcal fundada sobre a ideia de que as mulheres tinham menos valor. Menos habilidades. Menos inteligência. Menos criatividade. Uma sociedade que acreditava que os homens iam para o trabalho e faziam coisas importantes – descobriam planetas, desenvolviam produtos, formulavam leis – e as mulheres ficavam em casa e criavam os filhos. Ela não queria filhos – isso ela sabia sobre si mesma –, mas também sabia que muitas outras mulheres *queriam* filhos e uma carreira. E o que havia de errado nisso? Nada. Era exatamente o que os homens tinham.

Pouco tempo antes, ela havia lido sobre um país em que os pais e as mães trabalhavam fora e participavam da criação dos filhos. Onde era mesmo? Suécia? Não conseguia se lembrar. Mas a questão era que dava muito certo. A produtividade era mais alta; as famílias eram mais unidas. Ela se via sendo parte integrante dessa sociedade. Um lugar que nunca a confundisse automaticamente com uma secretária, um lugar onde, quando ela apresentasse suas descobertas em uma reunião, não precisasse estar preparada para enfrentar os homens que invariavelmente fariam mais alto do que ela ou, pior, receberiam os créditos pelo trabalho dela.

Elizabeth balançou a cabeça. Quando o assunto era igualdade, o ano de 1952 era uma grande decepção.

– Você tem que pedir desculpas a ele – insistiu o técnico de laboratório.  
– Quando devolver os malditos béqueres, aja com humildade. Você colocou nosso laboratório todo em risco e deixou uma impressão ruim de mim.

– Vai ficar tudo bem – replicou Elizabeth. – São só béqueres.

Mas, na manhã seguinte, os béqueres tinham desaparecido, substituídos por olhares enviesados de alguns de seus colegas químicos, que agora também acreditavam que ela os tinha colocado em risco de sofrer com o lendário rancor de Calvin Evans. Elizabeth tentou conversar com eles, mas todos lhe deram um gelo à própria maneira; mais tarde, enquanto passava pelo saguão, encontrou esses mesmos colegas reclamando dela – que ela se levava muito a sério, que achava que era melhor do que todos eles, que tinha se recusado a sair com todos, mesmo com os solteiros. E que ela só tinha conseguido concluir o mestrado em química orgânica na UCLA por ter dado *duro* – a palavra “duro” foi acompanhada por gestos grosseiros e risos contidos. Quem ela pensava que era, afinal de contas?

– Alguém deveria colocá-la no lugar dela – disse um deles.

– Ela nem é tão inteligente assim – insistiu outro.

– Ela é uma puta – declarou uma voz conhecida. Seu chefe, Donatti.

Elizabeth, acostumada com as primeiras frases, mas chocada com a última, se apoiou na parede, sentindo uma onda de enjoo. Essa era a segunda vez que a chamavam disso. A primeira vez – uma lembrança horrível – tinha sido na UCLA.

TINHA ACONTECIDO QUASE DOIS ANOS ANTES. Aluna do mestrado, faltando apenas dez dias para receber o título, Elizabeth ainda estava no laboratório às nove da noite, certa de ter encontrado um problema no protocolo de teste. Enquanto tamborilava o papel com um lápis número dois, que tinha acabado de apontar, pensando no seu palpíte, ouviu a porta se abrir.

– Olá? – chamou ela.

Não estava esperando ninguém.

– Você ainda está aqui – disse uma voz sem nenhuma surpresa. Seu orientador.

– Ah, oi, Dr. Meyers – cumprimentou ela, levantando o olhar. – É. Estou só repassando os protocolos de teste para amanhã. Acho que encontrei um problema.

Ele abriu a porta um pouco mais e deu um passo para dentro.

– Eu não pedi para você fazer isso – disse ele, a voz tensa de irritação. – Falei que estava tudo pronto.

– Eu sei – replicou ela. – Mas eu quis dar uma última olhada. – A estratégia de dar uma última olhada não era algo que Elizabeth gostava de fazer; era uma coisa que ela sabia que *tinha* que fazer para manter seu cargo na equipe de pesquisas do Dr. Meyers, composta só por homens. Não que ela se importasse com a pesquisa dele: era enfadonha, nada inovadora. Apesar de uma notável falta de criatividade, aliada a uma preocupante ausência de novas descobertas, Meyers era considerado um dos principais pesquisadores de DNA dos Estados Unidos.

Elizabeth não gostava dele; ninguém gostava. Com exceção, talvez, da UCLA, que o adorava porque o homem publicava mais artigos do que qualquer outro da área. O segredo de Meyers? Não era ele quem escrevia os artigos, mas sim seus alunos de pós-graduação. Só que ele sempre recebia o crédito integral por cada palavra, às vezes mudando somente o título e algumas expressões aqui e ali antes de apresentá-lo como um artigo inteiramente diferente. Ele podia fazer isso, porque quem lê um artigo científico de cabo a rabo? Ninguém. Assim, aumentava sua quantidade de artigos e, com eles, sua reputação. Foi como Meyers se tornou um importante pesquisador de DNA: quantidade.

Além do talento para artigos supérfluos, Meyers também era famoso por ser devasso. Não havia muitas mulheres nos departamentos de ciências da UCLA, mas as poucas que havia – principalmente secretárias – se tornavam o foco da atenção indesejada dele. Em geral, elas deixavam o emprego depois de seis meses, com a confiança abalada, os olhos inchados, alegando motivos pessoais. Mas Elizabeth não saiu: ela não podia, porque precisava do mestrado. Assim, ela tolerava as humilhações cotidianas – os toques, os comentários obscenos, as insinuações de mau gosto –, ao mesmo tempo que deixava claro que não estava interessada. Até o dia que ele a chamou até a sala dele, aparentemente para conversar sobre a admissão no programa de doutorado, mas, em vez disso, enfiou a mão embaixo da saia dela. Furiosa, ela o afastou à força e ameaçou denunciá-lo.

– Para quem? – Ele riu. Em seguida, a repreendeu por “não ser divertida”, deu uma palmada no traseiro dela e a mandou pegar o casaco dele no armário do escritório. Ele sabia que, quando ela abrisse a porta, ia encontrar fotos de mulheres com os seios à mostra, algumas estiradas, sem expressão, de quatro, com o pé calçado de um homem apoiado triunfante nas costas.

– AQUI – DISSE ELA AO DR. MEYERS. – Etapa 91, na página 232. A temperatura. Estou razoavelmente convencida de que está alta demais, o que significa que a enzima vai ficar inativa, e isso pode distorcer os resultados.

O Dr. Meyers a observava da porta.

– Você mostrou isso para mais alguém?

– Não – respondeu ela. – Acabei de perceber.

– Então você não falou com o Phillip.

Phillip era o principal assistente de pesquisa de Meyers.

– Não. Ele acabou de sair. Tenho certeza de que ainda consigo alcançá-lo...

– Não precisa – interrompeu ele. – Tem mais alguém aqui?

– Não que eu saiba.

– O protocolo está correto – disse ele de um jeito áspero. – Você não é a especialista. Pare de questionar minha autoridade. E não fale sobre isso com mais ninguém. Entendeu?

– Eu só estava tentando ajudar, Dr. Meyers.

Ele a fitou, como se avaliasse a veracidade da afirmação.

– E eu preciso da sua ajuda – disse ele. Depois se virou para a porta e a trancou.

O PRIMEIRO GOLPE FOI UM TAPA com a mão aberta que girou a cabeça dela para a esquerda como uma bola de espirobol após uma bela batida. Ela arfou, em choque, depois conseguiu se endireitar, com a boca sangrando e os olhos arregalados, sem acreditar. Ele fez uma careta como se não estivesse satisfeito com o resultado e a atingiu de novo, dessa vez derrubando-a do banco. Meyers era um homem grande – mais de 100 quilos –, e sua força era produto da densidade, não de uma boa forma física. Ele se curvou até onde ela estava caída no chão e, agarrando-a pelos quadris, ergueu-a como

um guindaste que levanta um fardo de madeira molhada, arremessando-a para o banco de novo como uma boneca de pano. Depois virou-a com força e, chutando o banco para longe, empurrou o rosto e o peito dela contra a bancada de aço inoxidável.

– Não se mexa, sua puta – ordenou ele, enquanto ela lutava, os dedos gordos do homem subindo por baixo da saia.

Elizabeth engoliu em seco, o gosto de metal enchendo sua boca enquanto ele a molestava, uma das mãos puxando a saia acima da cintura dela, a outra beliscando a pele da parte interna das coxas. Com o rosto achatado contra a mesa, ela mal conseguia respirar, quanto mais gritar. Ela chutava para trás furiosa, como um animal preso em uma armadilha, mas a recusa em ceder só o enfurecia ainda mais.

– Não lute comigo – avisou Meyers, enquanto o suor pingava da barriga dele para a parte posterior das coxas de Elizabeth. Mas, enquanto ele se movia, o braço dela recuperou a liberdade. – Fique *parada!* – exigiu ele, enfurecido, enquanto ela se contorcia para a frente e para trás, ofegante de choque, o torso gordo do homem amassando o corpo dela como se fosse uma panqueca.

Em um esforço final para mostrar quem estava no comando, ele pegou o cabelo dela e puxou. Depois se lançou para dentro dela, como um bêbado nojento, soltando um gemido de satisfação que foi interrompido por um grito agudo de dor.

– Puta merda! – berrou Meyers, tirando o peso de cima dela. – Meu Deus! Que porra foi essa? – Ele a afastou com um empurrão, confuso pela forte ardência brotando no lado direito do corpo. Olhou para baixo, para a cintura cheia de banha, tentando entender a dor, mas a única coisa que viu foi uma borrachinha cor-de-rosa sobressaindo da região ilíaca direita. Uma estreita mancha de sangue circundava a borracha.

O lápis número dois. Com a mão livre, Elizabeth o tinha encontrado e enfiado direto na lateral do corpo de Meyers. Não só uma parte, mas o lápis inteiro. A ponta de grafite afiada, a simpática madeira amarela, o aro dourado brilhante, toda a sua extensão de dezoito centímetros enterrada no corpo do homem. E, ao fazer isso, ela perfurou não só o intestino grosso e o intestino delgado de Meyers, mas também a própria carreira acadêmica.

– VOCÊ É ALUNA DAQUI MESMO? – perguntou o guarda do campus depois que a ambulância levou o Dr. Meyers. – Preciso ver sua carteira de estudante.

Elizabeth, com as roupas rasgadas, as mãos tremendo, um grande hematoma começando a surgir na testa, olhou incrédula para ele.

– É uma pergunta válida – disse o guarda. – O que uma mulher estaria fazendo em um laboratório a esta hora da noite?

– Eu s-sou a-aluna de pós-graduação – gaguejou ela, achando que ia vomitar. – De química.

O guarda expirou como se não tivesse tempo para esse tipo de absurdo, depois pegou um bloquinho de anotações.

– Por que você não me conta o que você *acha* que aconteceu?

Elizabeth relatou todos os detalhes do ocorrido, a voz abafada pelo choque. Ele parecia estar anotando tudo, mas, quando ele se virou para dizer a outro guarda que “estava tudo sob controle”, ela percebeu que o bloco estava em branco.

– Por favor. Eu... eu preciso de um médico.

Ele fechou o bloco.

– Quer fazer uma declaração de arrependimento? – E ele deu uma espiada na saia dela, como se o próprio tecido já fosse um convite óbvio. – Você apunhalou o homem. Vai ser melhor se demonstrar algum remorso.

Ela voltou a fitar o guarda com os olhos fundos.

– O senhor... o senhor não entendeu direito. Ele me atacou. Eu... eu me defendi. Preciso de um médico.

O guarda expirou.

– Nada de declaração de arrependimento, então? – indagou ele, fechando a caneta com um clique.

Ela o encarou com a boca entreaberta, o corpo tremendo. Baixou o olhar para a própria coxa, onde a marca da mão de Meyers estava delineada em um tom arroxeadado. Ela resistiu à ânsia de vômito.

Ergueu o olhar a tempo de vê-lo verificando as horas. Aquele pequeno movimento foi o que bastou. Ela estendeu a mão e arrancou a carteira de estudante das mãos do homem.

– Sim, oficial – disse ela, a voz firme como arame farpado. – Agora, pensando melhor, tenho um arrependimento, sim.

– Muito melhor – comentou ele. – Agora estamos chegando a algum lugar. – Ele tornou a abrir a caneta com um clique. – Estou ouvindo.

– Lápis – disse ela.

– Lápis – repetiu o guarda, anotando.

Ela ergueu a cabeça para encará-lo com um filete de sangue escorrendo da têmpora.

– Me arrependo por só ter aquele lápis.

A AGRESSÃO, OU “EVENTO INFELIZ”, como o comitê de admissão chamou pouco antes de rescindir formalmente o ingresso dela no programa de doutorado, tinha sido culpa de Elizabeth. O Dr. Meyers a pegara cometendo uma fraude. Ela havia tentado mudar um protocolo de teste para distorcer os resultados do experimento – ele tinha as provas bem ali – e, quando ele a confrontou, Elizabeth se insinuou para ele, oferecendo sexo. Quando isso não funcionou, iniciou-se uma luta física e, antes que ele pudesse perceber, estava com um lápis no abdômen. Tinha sorte de estar vivo.

Quase ninguém acreditou nessa história. A reputação do Dr. Meyers era conhecida. Mas ele também era importante, e a UCLA não tinha nenhuma intenção de perder alguém do calibre dele. Elizabeth teve que sair. O mestrado estava concluído. Os hematomas iam sarar. Alguém ia escrever uma carta de recomendação. Vida que segue.

Foi assim que ela acabou no Instituto de Pesquisas Hastings. E agora ali estava ela, do lado de fora do saguão do instituto, as costas apoiadas em uma parede, com o estômago embrulhado.

ELA ERGUEU OS OLHOS E NOTOU o técnico de laboratório fitando-a.

– Está tudo bem, Elizabeth? – perguntou ele. – Você está meio estranha.

Ela não respondeu.

– A culpa foi minha, Elizabeth – admitiu ele. – Eu não devia ter feito uma confusão tão grande no caso dos béqueres. Quanto a eles – disse, apontando a cabeça em direção ao saguão (era óbvio que ele tinha ouvido tudo) –, estão só fazendo o que homens fazem. Ignore.

Mas ela não conseguia ignorá-los. Na verdade, no dia seguinte, o chefe dela, o Dr. Donatti – aquele que a chamou de puta – a transferiu para um novo projeto.

– Vai ser muito mais fácil – justificou ele. – Mais adequado à sua capacidade intelectual.

– Por quê, Dr. Donatti? – perguntou ela. – Tinha alguma coisa errada no meu trabalho?

Ela fora a força motriz do atual projeto de pesquisa do grupo e, como resultado, eles estavam perto de atingir resultados dignos de publicação. Mas Donatti apontou para a porta. No dia seguinte, ela foi designada para um estudo de aminoácido de pouca importância.

O técnico de laboratório, percebendo a crescente insatisfação dela, perguntou por que ela queria ser cientista, afinal de contas.

– Eu não quero ser cientista – disparou ela. – Eu *sou* cientista! – Na mente dela, não dava para deixar um homem gordo da UCLA nem o próprio chefe nem alguns colegas de mentalidade retrógrada a impedirem de atingir seus objetivos. Ela já tinha encarado muitos desafios. Ia sobreviver ao que viesse.

Só que lutar para sobreviver desgasta a pessoa. Conforme os meses passavam, a coragem dela foi sendo testada várias vezes. A única coisa que lhe dava algum alívio era ir ao teatro. E até isso era decepcionante às vezes.

ERA UMA NOITE DE SÁBADO, cerca de duas semanas depois do incidente com os béqueres. Ela havia comprado um ingresso para *O Micado*, uma opereta supostamente divertida. Embora estivesse ansiosa para assistir havia algum tempo, à medida que a trama se desenrolava ela percebeu que não estava achando graça nenhuma. A letra das músicas era racista, os atores eram todos brancos e estava óbvio que a protagonista feminina ia levar a culpa pelos erros de todas as outras pessoas. A trama toda a fez se lembrar do trabalho. Ela decidiu desistir e ir embora no intervalo.

Para piorar as coisas, Calvin Evans também estava no teatro naquela noite e, se estivesse conseguindo prestar atenção, poderia ter concordado com todas as opiniões de Elizabeth. Mas aquele era o seu primeiro encontro com uma secretária da Divisão de Biologia e ele estava enjoado. Para começar,

esse encontro tinha sido fruto de um equívoco: a secretária o convidou para a opereta só porque, levando em conta a fama de Calvin, acreditava que ele era rico. Calvin, reagindo ao perfume lacrimejante da secretária, tinha piscado diversas vezes, e ela interpretou isso como “Vou adorar”.

O mal-estar começou no primeiro ato, mas no fim do segundo se intensificou e virou uma turbulência estomacal.

– Me desculpe – cochichou ele –, mas não estou me sentindo bem. Vou embora.

– Como assim? – perguntou ela, desconfiada. – Você parece ótimo.

– Estou enjoado – murmurou ele.

– Bem, sinto muito, mas eu comprei esse vestido especialmente para hoje e não vou sair enquanto não o usar pelas próximas quatro horas.

Calvin empurrou um punhado de dinheiro para o táxi na direção do rosto perplexo da moça e correu para o saguão com uma das mãos no abdômen enquanto seguia direto para o banheiro, tomando o cuidado de não sacudir o estômago sensível.

Para piorar *ainda mais* as coisas, Elizabeth tinha chegado ao saguão no mesmo instante e, assim como Calvin, também estava indo ao banheiro. Mas, quando viu a fila comprida, deu meia-volta, frustrada, e, ao fazer isso, trombou direto com Calvin, que vomitou em cima dela no mesmo instante.

– Ah, meu Deus – disse ele, entre ânsias de vômito. – Ai, Jesus.

Surpresa no início, Elizabeth se recompôs e, ignorando o estado de calamidade em que ele tinha deixado o vestido dela, pousou uma mão tranquilizadora no torso encurvado.

– Este homem está passando mal – falou Elizabeth em direção à fila do banheiro, ainda sem perceber quem era. – Será que alguém pode chamar um médico?

Mas ninguém fez isso. Todas as pessoas na fila do banheiro, reagindo ao fedor e ao som do enjoo violento, desocuparam a área no mesmo instante.

– Ah, meu Deus – Calvin dizia sem parar, segurando a barriga –, *ah, meu Deus*.

– Vou providenciar papel toalha – disse Elizabeth com gentileza. – E um táxi. – Foi quando ela deu uma boa olhada no rosto do homem e acrescentou: – Nós não nos conhecemos?

VINTE MINUTOS DEPOIS, ela estava ajudando Calvin a entrar em casa.

– Acho que podemos descartar uma dispersão por aerossol de difenilamina arsina – disse ela. – Já que ninguém mais foi afetado.

– Guerra química? – ofegou ele com a mão no abdômen. – Espero que sim.

– Provavelmente foi alguma coisa que você comeu – comentou ela. – Intoxicação alimentar.

– Ah... – gemeu ele. – Que vergonha. Eu sinto muito *mesmo*. Seu vestido. Eu pago a lavanderia.

– Não se preocupe – tranquilizou ela. – Foi só um respingo.

Ela o ajudou a se sentar no sofá, onde ele caiu estatelado.

– Eu... eu não consigo me lembrar da última vez que vomitei. Ainda mais em *público*.

– Acontece.

– Eu estava em um encontro – contou ele. – Dá para imaginar? Deixei a moça lá no teatro.

– Não – respondeu ela, tentando se lembrar da última vez que tivera um encontro.

Os dois ficaram em silêncio por alguns minutos, depois ele fechou os olhos. Ela interpretou o gesto como a deixa para ir embora.

– De novo, me desculpe – sussurrou ele, quando a ouviu indo em direção à porta.

– Por favor. Não precisa se desculpar. Foi uma reação, uma incompatibilidade química. Somos cientistas. Entendemos essas coisas.

– Não, não – acrescentou ele, fraco, querendo esclarecer. – Estou falando de ter confundido você com uma secretária naquele dia... de mandar você pedir para o seu chefe me ligar. Sinto muito *mesmo*.

Para isso, ela não tinha resposta.

– Nunca fomos apresentados formalmente – prosseguiu ele. – Sou Calvin Evans.

– Elizabeth Zott – respondeu ela, juntando suas coisas.

– Bem, Elizabeth Zott – disse ele, tentando dar um sorrisinho –, você salva vidas.

Mas estava claro que ela não tinha ouvido.

– MINHA PESQUISA EM DNA se concentrava nos ácidos polifosfóricos como agentes de condensação – contou ela a Calvin enquanto os dois tomavam café no refeitório na semana seguinte. – E está funcionando bem, até agora. Só que no mês passado me designaram para outro projeto. Um estudo de aminoácidos.

– Mas por quê?

– Donatti... você não trabalha para ele também? Enfim, ele resolveu que o meu trabalho não era necessário.

– Mas a pesquisa de agentes de condensação é crucial para a compreensão do DNA...

– É, eu sei, eu *sei* – concordou ela. – Era o que eu planejava pesquisar no meu doutorado. Se bem que o meu interesse de verdade é a abiogênese.

– Abiogênese? A teoria de que a vida surgiu a partir de matéria sem vida, virando organismos simples? Fascinante. Mas você não é ph.D.

– Não.

– Mas a abiogênese é da área do doutorado.

– Tenho mestrado em química. Pela UCLA.

– A academia... – Ele assentiu, solidário. – Ela envelheceu. Você quis pular fora.

– Não exatamente.

Seguiu-se um longo momento de silêncio desconfortável.

– Olhe – recomeçou ela, respirando fundo –, minha hipótese sobre os ácidos polifosfóricos é a seguinte.

Antes de se dar conta, ela havia conversado com ele por mais de uma hora, e Calvin fazia um sinal afirmativo enquanto tomava notas, interrompendo de vez em quando com perguntas elaboradas, às quais ela respondia com facilidade.

– Eu teria avançado mais – completou ela –, mas, como mencionei, fui “realocada”. E, antes disso, conseguir os suprimentos básicos para fazer o meu trabalho era quase impossível. – Era por isso, explicou, que ela se rebaixava a roubar equipamentos e suprimentos de outros laboratórios.

– Mas por que é tão difícil conseguir os suprimentos? – indagou Calvin. – O instituto tem muito dinheiro.

Elizabeth o encarou como se ele tivesse perguntado como, com tanta comida no mundo, podia haver gente passando fome.

– Discriminação machista – respondeu ela, pegando o lápis número dois que sempre usava atrás da orelha ou no cabelo e o batendo com força na mesa. – Mas também política, favoritismo, desigualdade e injustiça de modo geral.

Ele mordeu o lábio.

– Mas principalmente discriminação machista – arrematou ela.

– Como assim, discriminação? – perguntou ele com inocência. – Por que não íamos querer mulheres na ciência? Não faz sentido. Precisamos de todos os cientistas disponíveis.

Elizabeth o encarou, perplexa. Até então tinha a impressão de que Calvin Evans era um homem inteligente, mas naquele momento percebeu que ele era uma dessas pessoas que talvez só fossem inteligentes em algumas áreas. Ela o observou com mais cuidado, como se estivesse avaliando como explicar de forma que ele entendesse. Juntando o cabelo com as mãos, ela o enrolou duas vezes e fez um nó no alto da cabeça. Em seguida, o prendeu com o lápis.

– Quando estava em Cambridge, quantas mulheres cientistas você conheceu? – perguntou ela com cautela, voltando a colocar as mãos na mesa.

– Nenhuma. Mas minha faculdade era só para homens.

– Ah, entendi – continuou ela. – Mas as mulheres com certeza tinham as mesmas oportunidades em outros lugares, certo? Então, quantas mulheres cientistas você conhece? E Marie Curie não conta.

Ela a encarou de volta, pressentindo dificuldades.

– O problema, Calvin – afirmou ela –, é que metade da população está sendo desperdiçada. Não é só o fato de eu não conseguir os suprimentos de que preciso para fazer o meu trabalho; a questão é que as mulheres não conseguem a instrução necessária para fazer o que *elas* devem fazer. E, mesmo que frequentem uma faculdade, nunca vai ser um lugar como Cambridge. O que significa que elas nunca vão ter as mesmas oportunidades nem o mesmo respeito. Vão começar de baixo e vão ficar lá. Isso sem contar a questão da remuneração. E tudo isso porque elas não frequentaram uma faculdade que, para início de conversa, nem as aceitaria.

– Você está afirmando – disse ele devagar – que mais mulheres querem se dedicar à ciência.

Ela arregalou os olhos.

– É claro que sim. À ciência, à medicina, às finanças, à música, à matemática. Todas as áreas.

Ela fez uma pausa, porque a verdade é que só tinha conhecido poucas mulheres que queriam se dedicar à ciência ou, para dizer a verdade, a qualquer outra área de conhecimento. A maioria das mulheres que ela conheceu na faculdade dizia que só estava lá para conseguir um marido. Era desconcertante, como se todas tivessem bebido alguma coisa que as deixasse temporariamente loucas.

– Mas, em vez disso – continuou ela –, as mulheres estão em casa, fazendo bebês e limpando tapetes. É uma escravidão legalizada. Até o trabalho das mulheres que querem ser donas de casa é completamente mal interpretado. Os homens parecem achar que a principal tarefa no dia de uma mãe de cinco filhos é escolher a cor do esmalte para as unhas.

Calvin visualizou cinco filhos e estremeceu.

– Sobre o seu trabalho – disse ele, tentando redirecionar a batalha. – Acho que eu posso resolver.

– Não preciso que você resolva nada – rebateu ela. – Sou perfeitamente capaz de resolver meus próprios problemas.

– Não é, não.

– Como é que é?

– Você não consegue resolver porque o mundo não funciona assim. A vida não é justa.

Isso a enfureceu: o fato de *ele* falar de injustiça para *ela*. Ele não sabia da missa a metade. Ela começou a falar alguma coisa, mas ele a interrompeu.

– Olhe, a vida nunca foi justa e mesmo assim você continua a agir como se fosse. Como se, logo que você conseguir endireitar algumas coisas erradas, todo o resto vá se encaixar com perfeição. Isso não vai acontecer. Quer um conselho? – E, antes que ela dissesse não, acrescentou: – Não trabalhe de acordo com o sistema. Seja mais esperta que ele.

Ela ficou em silêncio, refletindo sobre as palavras de Calvin. Elas faziam sentido de uma forma irritante e injusta demais.

– Agora, veja a feliz coincidência: venho tentando repensar os ácidos polifosfóricos no último ano e não estou chegando a lugar nenhum. A sua pesquisa pode mudar isso. Se eu disser ao Donatti que preciso trabalhar com as suas descobertas, você volta para a antiga pesquisa amanhã.

E, mesmo que eu não precisasse dos seus resultados, porque eu preciso, estou em débito com você. Primeiro pelo comentário sobre ser secretária e, depois, por ter vomitado em você.

Elizabeth continuou em silêncio. Mesmo contra seus princípios, sentia-se acalentando a ideia. Ela não queria, não gostava da ideia de ter que ser mais esperta que o sistema. Por que os sistemas não podiam simplesmente funcionar da maneira correta? E com toda certeza ela não gostava de receber favores. Parecia que estava trapaceando. Ainda assim, Elizabeth tinha objetivos e, caramba, por que ela deveria esperar sentada? Esperar sentado nunca levou ninguém a lugar nenhum.

– Olhe – disse Elizabeth com ênfase, afastando uma mecha de cabelo do rosto. – Espero que você não pense que estou tirando conclusões precipitadas, mas tive problemas no passado e quero deixar uma coisa clara: eu não vou sair com você. É só trabalho, nada mais. Não estou interessada em nenhum tipo de relacionamento.

– Nem eu – insistiu ele. – É trabalho. Só isso.

– Só isso.

Eles recolheram as xícaras e os pires e partiram em direções opostas, ambos esperando ardentemente que o outro não estivesse falando sério.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

